

XXX

HERANÇA E EUTANÁSIA

Ainda não voltara a mim da profunda surpresa, quando Saldástio se aproximou, informando á Narcisca:

— Nossa irmã Paulina deseja ver o pai enfermo, no Pavilhão 5. Antes de atender, julguei razoável consulta-la, porque o doente continua em crise muito aguda.

Mostrando gestos de bondade que lhe eram característicos, Narcisca acentuou:

— Mande-a entrar sem demora. Ela tem permissão da Ministra, visto estar consagrando o tempo disponível em tarefa de reconciliação dos familiares.

Enquanto o mensageiro se despedia apressado, a enfermeira bondosa acrescentava, dirigindo-se a mim:

— Você verá que filha generosa!

Não decorreu um minuto e Paulina estava diante de nós, esbelta e linda. Trajava uma túnica muito leve, teida em sêda luminosa. Angelical beleza caracterizava-lhe os traços fisionômicos, mas os olhos denunciavam extrema preocupação. Narcisca apresentou-me delicadamente e, sentindo talvez que poderia confiar na minha presença, perguntou, algo inquieta:

— E papai, minha amiga?

— Um pouco melhor — esclareceu a enfermeira — no entanto, ainda acusa desequilíbrios fortes.

— E' lamentável — retrucou a jovem — nem ele, nem os outros cedem no estado mental a que se recolheram. Sempre o mesmo odio e a mesma displicência.

Narcisca nos convidou a acompanhá-la, e, minutos

após, tinha diante de mim um velho de fisionomia desagradável. Olhar duro, cabeleira desgrehada, rugas profundas, lábios retraídos, inspirava mais piedade que simpatia. Procurei, contudo, vencer as vibrações inferiores que me dominaram, a-fim-de observar, acima do sofrimento, o irmão espiritual. Desapareceu a impressão de repugnância, aclarando-se-me os raciocínios. Apliquei a lição a mim mesmo. Como teria chegado, por minha vez, ao Ministério do Auxílio? Deveria ser horrível meu semblante de desesperado. Quando examinamos a desventura de alguém, lembrando as próprias deficiências, ha sempre asilo para o amor fraterno, no coração.

O velho enfermo não teve uma palavra de ternura para a filha que o saudou, carinhosa. Através do olhar, que evidenciava asperceza e revolta, semelhava-se a uma fera humana enjaulada.

— Papai, o senhor sente-se melhor? — perguntou com extremo carinho filial.

— Ai!... Ai!... — gritou o doente em voz estentóica — não posso esquecer o infame, não posso descansar o pensamento... — Ainda o vejo a meu lado, ministrando-me o veneno mortal!...

— Não diga isso, papai — pediu a moça generosa — lembre-se que Edelberto entrou em nossa casa como filho, enviado por Deus.

— Meu filho?! — gritou o infeliz — nunca! nunca!... E' criminoso sem perdão, filho do inferno!...

Paulina falava, agora, com os olhos razos d'agua:

— Ouçamos, papai, a lição de Jesus, que recomenda nos amemos uns aos outros. Atravessamos experiências consanguíneas, na Terra, para adquirir o verdadeiro amor espiritual. Aliás, é indispensável reconhecer que só existe um Pai realmente eterno, que é Deus; mas o Senhor da Vida nos permite a paternidade ou a maternidade no mundo, a-fim-de aprendermos a fraternidade sem mácula. Nossos lares terrestres são cadinhos de purificação dos sentimentos ou templos de união sublime, a caminho da solidariedade universal. Muito lutamos e padecemos, até adquirir o verdadeiro título de irmão.

Somos todos uma só família, na Criação, sob a bênção providencial de um Pai único.

Ouvindo-lhe a voz muito meiga, o doente se pôs a chorar convulsivamente.

— Perdoe Edelberto, papai! procure sentir nele, não o filho leviano, mas o irmão necessitado de esclarecimento. Estive em nossa casa, ainda hoje, lá observando extremas perturbações. Daqui, deste leito, o senhor envolve todos os nossos em fluidos de amargura e incompreensão, do mesmo modo por que eles lhe fazem o mesmo. O pensamento, em vibrações sutis, alcança o alvo, por mais distante que esteja. A permuta de ódio e descontentamento causa ruína e sofrimento nas almas. Mãe recolheu-se, ha alguns dias, ao hospício, ralada de angústia. Amália e Cacilda entraram em luta judicial com Edelberto e Agenor, em virtude dos grandes patrimônios materiais que o senhor ajuntou nas esferas da carne. Um quadro terrível, cujas sombras poderiam diminuir, se sua mente vigorosa não estivesse mergulhada em propósitos de vingança. Aqui, vemo-lo em estado grave; na Terra, mãe louca e os filhos perturbados, odiando-se entre si. Em meio de tantas mentes desequilibradas, uma fortuna de um milhão e quinhentos mil cruzeiros. E que vale isso, se não ha um átomo de felicidade para ninguém?

— Mas eu leguei enorme patrimônio à família — atalhou o infeliz, rancorosamente — desejando o bem estar de todos...

Paulina não o deixou terminar, retomando a palavra:

— Nem sempre sabemos interpretar o que seja benefício, no capítulo da riqueza transitória. Se o senhor assegurasse o futuro dos nossos, garantindo-lhes a tranquilidade moral e o trabalho honesto, seu esforço seria de valiosa providência; mas, às vezes, papai, costumamos amearhar o dinheiro por espírito de vaidade e ambição. Querendo viver acima dos outros, não nos lembramos disso, senão nas expressões externas da vida. São raros os que se preocupam em ajuntar conhecimentos nobres, qualidades de tolerância, luzes de humildade, bênçãos de

compreensão. Impomos a outrem os nossos caprichos, afastamo-nos dos serviços do Pai, esquecemos a lapidação do nosso espírito. Ninguém nasce no planeta, simplesmente para acumular moedas nos cofres, ou valores nos bancos. É natural que a vida humana peça o concurso da providência, e é justo que não prescindamos da contribuição de mordomos fiéis, que saibam administrar com sabedoria; mas ninguém será mordomo do Pai com avarice e propósitos de dominação. Tal genero de vida arruinou nossa casa. Debalde, noutro tempo, busquei levar socorro espiritual ao ambiente doméstico. Enquanto o senhor e mãe se sacrificavam por aumentar haveres, Amália e Cacilda esqueceram o serviço útil e, como preguiçosas da banalidade social, encontraram ociosos que as desposaram, visando vantagens financeiras. Agenor repudiou o estudo sério, entregando-se a más companhias. Edelberto conquistou o título de médico, alheando-se por completo da medicina e exercendo-a tão somente de longe em longe, á maneira do trabalhador que visita o serviço por curiosidade. Todos arruinaram belas possibilidades espirituais, distraídos pelo dinheiro fácil e apegados à idéia de herança.

O enfermo tomou uma expressão de pavor e acrescentou: :

— Maldito Edelberto! Filho criminoso e ingrato! Matou-me sem piedade, quando ainda necessitava regularizar minhas disposições testamentárias! Malvado!... Malvado!...

— Cale-se papai! tenha compaixão de seu filho, perdoe e esqueça!...

O velho, porém, continuou a praguejar em voz alta. A jovem preparava-se para discutir, mas Narcisa endereçou-lhe significativo olhar, chamando Salústio para socorrer o doente em crise. Calou-se Paulina, acariciando a fronte paterna e contendo, a custo, as lágrimas. Daí a instantes, retirava-me em companhia de ambas, sob forte impressão.

As duas amigas trocaram confidências, ainda por alguns minutos, despedindo-se Paulina a evidenciar mul-

ta generosidade nas frases gentis, mas muita tristeza no olhar afogado em justa preocupação.

Voltando á intimidade, Narcisa disse, bondosa:

— Os casos de herança, em regra, são extremamente complicados. Com raras exceções, acarretam enorme péso a legadores e legatários. Neste caso, porém, vemos não só isso, mas também a eutanásia. A ambição do dinheiro criou, em toda a família de Paulina, exquisitesas e desavenças. Pais avarentos possuem filhos esbanjados. Fui a casa de nossa amiga, quando o irmão dela, o Edelberto, médico de aparência distinta, empregou no progenitor, quase moribundo, a chamada "morte suave". Esforçámo-nos por evitar, mas tudo foi em vão. O pobre rapaz descejava, de fato, apressar o desenlace, por questões de ordem financeira, e aí temos agora a imprevidência e o resultado — o ódio e a molestia.

E com expressivo gesto, Narcisa rematou:

— Deus criou séres e céus, mas nós costumamos transformar-nos em espiritos diabólicos, criando nossos infernos individuais.

XXXI VAMPIRO

Eram vinte e uma horas. Ainda não havíamos descansado, senão em momentos de palestra rápida, necessária á solução de problemas espirituais. Aqui, um doente pedia alívio, ali, outro necessitava passes de conforto. Quando fomos atender a dois enfermos, no Pavilhão 11, escutei gritaria próxima. Fiz instintivo movimento de aproximação, mas Narcisa deteve-me atenciosa:

— Não prossiga — disse — localizam-se ali os desequilibrados do sexo. O quadro seria extremamente doloroso para seus olhos. Guarde essa emoção para mais tarde.

Não insisti. Entretanto, fervilhavam-me no cérebro mil interrogações. Abria-se um mundo novo á minha pesquisa intelectual. Era indispensável recordar o conselho da progenitora de Lísias, a cada momento, para não me desviar da obrigação justa.

Logo após, às vinte e uma horas, chegou alguém dos fundos do parque enorme. Era um homenzinho de semblante singular, evidenciando a condição de trabalhador humilde. Narcisa recebeu-o com gentileza, perguntando:

— Que ha, Justino? qual é a sua mensagem?

O operário, que integrava o corpo de sentinelas das Camaras de Retificação, respondeu aflito:

— Venho participar que uma infeliz mulher está pedindo socorro, no grande portão que dá para os campos de cultura. Creio tenha passado despercebida aos vigilantes das primeiras linhas...

— E por que não a atendeu? — Interrogou a enfermeira.

O servidor fez um gesto de escrúpulo e explicou:

— Segundo as ordens que nos regem, não pude fazê-lo, porque a pobrezinha está rodeada de pontos negros.